



XXVIII ENFERMAIO

Repercussões das mudanças climáticas no mundo e sua influência na saúde

REALIZAÇÃO:



APOIO:



AÇÃO DE EXTENSÃO EM UMA ORGANIZAÇÃO QUE ACOLHE PESSOAS QUE VIVEM COM HIV/AIDS: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Ana Leticia Santos Freire¹

Andressa Vieira Alexandre²

Maria Yasmin Saraiva Menezes³

Pedro Henrique Carneiro Vieira⁴

Wellington da Silva Junior⁵

Jackson Rodrigues Damasceno⁶

TRABALHO PARA PRÊMIO: GRADUAÇÃO - EIXO 2: ENFERMAGEM EM SAÚDE DO ADULTO E SAÚDE DO IDOSO

RESUMO

INTRODUÇÃO: O vírus da imunodeficiência humana (HIV) acomete a imunidade e pode evoluir para a síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS) caso não tratado com a terapia antirretroviral (TARV). Organizações da Sociedade Civil (OSCs) são instituições que acolhem populações vulneráveis, como pessoas vivendo com HIV (PVHIV). Portanto, o objetivo desta pesquisa é relatar a experiência de graduandos do quarto semestre de enfermagem durante uma ação de extensão em uma OSC que acolhe PVHIV. **MÉTODO:** Trata-se de um relato de experiência. A ação foi realizada por cinco acadêmicos durante dois encontros com os residentes da instituição, por meio de rodas de conversa estruturadas pelo *Google Docs*. **RESULTADOS E DISCUSSÃO:** No primeiro dia, sob o tema “adesão da TARV”, emergiram vivências dos moradores, tanto sobre medicamentos quanto sobre seus diagnósticos. Para além da temática, os estudantes de enfermagem perceberam os estigmas que persistem na vida deles. Durante o segundo encontro, de tema “abuso de drogas”, priorizou-se uso de linguagem simples, mas o público não teve tempo oportuno para contribuir. **CONCLUSÃO:** Por fim, os discentes sentiram-se contemplados pelo conhecimento adquirido a partir da busca por informações sobre o assunto, planejamento e mediação das rodas de conversa e visualização de estigmas pertinentes.

Palavras-chave: Extensão; HIV; Organização da sociedade civil.

INTRODUÇÃO

1. Graduanda em Enfermagem. Bolsista do Programa de Educação Tutorial de Enfermagem PET/MEC. Universidade Estadual do Ceará.

2. Graduanda em Enfermagem. Bolsista de Iniciação Científica (IC/UECE). Universidade Estadual do Ceará.

3. Graduanda em Enfermagem. Universidade Estadual do Ceará.

4. Graduando em Enfermagem. Bolsista de Iniciação Científica e Tecnológica (BICT/Funcap). Universidade Estadual do Ceará.

5. Graduando em Enfermagem. Bolsista de Iniciação Científica (IC/UECE). Universidade Estadual do Ceará.

6. Enfermeiro. Mestre em Enfermagem pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Professor da Universidade Estadual do Ceará. Graduação em Enfermagem pela Faculdade de Ensino e Cultura do Ceará.

E-mail do autor: ana.freire@aluno.uece.br

O vírus da imunodeficiência humana (HIV) é uma infecção que compromete o sistema imunológico do corpo humano e afeta, principalmente, os glóbulos brancos chamados T CD4 +. O HIV se replica e destrói essas células, enfraquece a imunidade e torna a pessoa mais suscetível a infecções oportunistas, como tuberculose, infecções fúngicas ou bacterianas graves e alguns tipos de câncer. A síndrome de imunodeficiência adquirida (AIDS) refere-se aos estágios mais avançados da infecção pelo HIV e caracteriza-se pela manifestação de qualquer um dos mais de 20 tipos de cânceres com risco iminente de vida ou por infecções oportunistas que se aproveitam do sistema imunológico debilitado (WHO, 2024).

Entre 2007 e junho de 2024 foram registrados, no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), 541.759 casos de infecção pelo HIV no Brasil. A distribuição geográfica desses casos ocorreu da seguinte forma: Sudeste, 222.262 casos (41,0%); Nordeste, 118.431 casos (21,9%); Sul, 101.441 casos (18,7%); Norte, 56.229 casos (10,4%); e Centro-Oeste, 43.396 casos (8,0%). Em 2023, foram notificados 46.495 casos de infecção por HIV no país (Brasil, 2024). A nível mundial, em 2023, havia 39.9 milhões de pessoas vivendo com HIV (PVHIV). Dessas, 38,6 milhões eram adultos e 86,6% conheciam o seu estado sorológico (UNAIDS, 2024).

O diagnóstico precoce e o acesso ao tratamento antirretroviral são fundamentais para evitar a evolução da doença e aprimorar a qualidade de vida dos pacientes. A terapia antirretroviral (TARV) trata-se da abordagem terapêutica padrão para o HIV, com os objetivos de bloquear a replicação viral, manter a integridade do sistema imunológico, prevenir a progressão para AIDS e aumentar a expectativa de vida do paciente (Oliveira *et al.*, 2024).

As Organizações da Sociedade Civil (OSCs) são instituições privadas e sem fins lucrativos, empenhadas em diversas esferas de interesse público como saúde, educação, assistência social e defesa dos direitos humanos (Brasil, 2025). As OSCs desempenham uma função crucial no auxílio às PVHIV por meio da assistência direta seja na recepção, acompanhamento psicológico ou assessoria jurídica. Essas entidades promovem o bem-estar das PVHIV e ajudam a minimizar os desafios sociais e estruturais ligados ao HIV/AIDS (Brasil, 1997). Justifica-se abordar uma OSC de PVHIV em forma de relato de experiência devido ao seu papel social que ainda é pouco difundido, apesar de abranger diferentes públicos em vulnerabilidade social, e é relevante para disseminar vivências de estudantes e PVHIV a partir de uma atividade de extensão universitária que pode contribuir para o conhecimento científico e social.

O objetivo é relatar a experiência de graduandos de enfermagem do quarto semestre da Universidade Estadual do Ceará (UECE) durante uma ação de extensão em uma OSC que acolhe PVHIV.

MÉTODO

Trata-se de um relato de experiência, definido por Antunes *et al.* (2024) como um estudo realizado a partir das relações entre os autores e os participantes de uma atividade de campo, que possibilita a troca de conhecimentos e fornece evidências empíricas para descrever a experiência a partir da visão dos realizadores da ação. A extensão ocorreu a partir da cadeira de Projetos de Extensão Universitária I em uma OSC que abriga PVHIV.

A ação foi realizada por 5 acadêmicos de enfermagem, dentro da instituição que está localizada no município de Fortaleza-CE, durante o mês de fevereiro de 2025. Decorreu em dois encontros, com objetivo de realizar duas rodas de conversa. Esse método é um instrumento que permite a troca e partilha de experiências e saberes através de um diálogo acompanhado de reflexões e observações entre participantes e pesquisador/educador (Moura; Lima, 2014).

Para o desenvolvimento da ação de extensão, obteve-se apoio da responsável pelo local. A partir do primeiro contato via *Whatsapp*, foram marcadas 3 visitas à instituição: 1º) Apresentação do local, profissionais e moradores; 2º) Roda de conversa com a temática de “adesão à TARV”; 3º) Roda de conversa com o tema de “abuso de drogas”. Quanto às informações que os estudantes levaram, estas foram selecionadas a partir de diretrizes clínicas e artigos que abordassem a temática, mas repassadas de forma que os residentes da OSC pudessem compreender e se sentissem instigados a participarem. Além disso, foi elaborado um documento digital para compartilhar as informações entre os integrantes do grupo por meio do *Google Docs*.

A priori, a roda de conversa consistia na exposição do assunto. Em segundo, os residentes perguntavam ou relatavam suas experiências e vivências acerca do tema para melhor compreendê-lo. Ao final do segundo encontro, foi realizada uma dinâmica de bingo para marcar a finalização da ação de extensão.

Ressalta-se que, embora seja um relato que dispensa apreciação ética devido ao seu caráter de ensino, sem objetivo de pesquisa científica com os envolvidos ou de divulgação de suas informações pessoais (Brasil, 2016), todos os preceitos da resolução nº 466/2012 foram respeitados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A OSC visitada pelos estudantes foi escolhida para cumprir a avaliação de uma disciplina do curso de enfermagem da UECE, e selecionada devido à proximidade de conhecimentos dos discentes com o público acolhido no local. Os alunos realizaram contato e visita prévia ao local para verificar a disponibilidade da instituição em recebê-los durante dois dias, conforme exigido pela carga horária da cadeira, e qual educação em saúde poderiam realizar, bem como de que modo poderia se desenvolver.

Uma profissional da saúde de nível superior da instituição sugeriu o encaminhamento de temas que poderiam ser abordados, onde o assunto “adesão à TARV” foi eleito. Além disso, ela e os estudantes articularam uma dinâmica de roda de conversa para tornar o assunto mais fluido e inteligível. Nesse viés, Dias *et al.* (2018) reiteram que essa metodologia ativa é um instrumento que propicia a autonomia, identificação de problemas, estímulo de novos questionamentos e reflexão tanto dos mediadores quanto dos participantes.

Os discentes de enfermagem reuniram-se para o planejamento da atividade, realizaram o roteiro para o primeiro dia e dividiram-se para melhor domínio do assunto e dinamicidade da roda de conversa. Acordou-se em discutir os seguintes tópicos: HIV/AIDS, TARV, efeitos colaterais, consultas de rotina para PVHIV, imunizações e efeitos da interrupção do tratamento.

No primeiro dia de extensão, os estudantes expuseram a temática e a profissional mencionada anteriormente começou questionamentos direcionados a pessoas específicas para estimulá-los a participarem. Após a fala do primeiro residente, de modo consecutivo, os outros participantes expuseram vivências que foram além da TARV. Os relatos convergiram para o momento do diagnóstico nos que se dispuseram a compartilhá-los e os alunos perceberam o quanto aquelas pessoas ainda sofriam com estigmas que perduram há décadas, período em que a maioria dos residentes tiveram o diagnóstico do HIV.

No início da década de 90 foi implementada a TARV no Brasil, embora seus efeitos colaterais desestimulassem a continuidade do tratamento (Brasil, 1997). Nessa perspectiva, a falta de informação dos próprios profissionais da época, em orientar seus usuários, comprometeu a confiança e fidelização da TARV para essas pessoas que já conviviam com o vírus. Os participantes também mencionaram o fato de descobrirem o HIV somente após a depressão imunológica mais grave, característica que, atualmente, é conhecida como AIDS avançada (Brasil, 2022). Tal fato ocorreu devido ao medo de procurarem os serviços de saúde e serem perseguidos ou culpabilizados pelas pessoas de seu convívio se os vissem com as medicações, como exposto também na literatura (Mkumba *et al.*, 2025; Burke *et al.*, 2025).

Apesar da tentativa de esconder o vírus do conhecimento dos familiares e amigos, quando descoberto, sofreram preconceitos como o isolamento, evitação e ridicularização devido às sequelas da AIDS. Atualmente, essas vivências culminaram em questões mentais e afastamento da família, visto que os residentes podem ficar na instituição por tempo indeterminado. Valoriza-se a iniciativa da organização, pois a moradia fixa pode auxiliar em alcançar a carga viral indetectável (Daoud *et al.*, 2025) e o convívio com outras PVHIV fornece apoio psicológico e ao tratamento (Burke *et al.*, 2025).

Ao final do primeiro dia, os participantes também comentaram sobre o conteúdo exposto no início pelos estudantes e sentiram-se contemplados tanto pelas informações, das quais sanaram dúvidas, quanto por serem compreendidos como pessoas para além de sua condição de saúde. Souza *et al.* (2024) afirma que o conhecimento empodera o sujeito que vive com HIV, auxilia na sua autoestima, compreensão do processo de saúde-doença e estimula a adesão ao tratamento. Os estudantes encontraram certa dificuldade no início devido à timidez dos residentes, mas depois estes se demonstraram abertos a compartilharem suas vivências com relação ao assunto, o que os ajudou a compreender melhor sobre a TARV e por que mantê-la.

Para a elaboração das atividades do segundo encontro, foi conversado com os residentes da OSC sobre temáticas de interesse que eles gostariam que fossem abordadas na semana seguinte. Um dos moradores trouxe a sugestão de uma roda de conversa sobre “abuso de drogas”, que foi contemplado pelo interesse dos demais. O tema sugerido demonstrou-se pertinente, visto que o consumo de drogas afeta diferentes contextos sociais (Medeiros *et al.*, 2023). Além disso, a profissional dessa instituição, que estava responsável pelo intermédio como os alunos, propôs a realização de um bingo por conta do apreço por esta atividade entre o público da OSC.

Durante o segundo dia da ação extensiva, os acadêmicos estruturaram os seguintes tópicos para serem abordados: tipos de drogas, o que é o uso abusivo de substância química, causas e consequências, impacto social e interferência no sistema imunológico. O uso de uma linguagem de fácil entendimento e exemplificações palpáveis foi priorizada, assim como o cuidado em abordar questões que poderiam adquirir um caráter sensível. Os moradores que participaram da dinâmica apresentaram interesse satisfatório, porém, o tempo disponibilizado à ação foi insuficiente para que eles pudessem expor suas considerações de forma aprofundada, como foi realizado na semana anterior.

Em seguida, para efetuar o encerramento da ação, foi realizado o bingo com os domiciliados para integrar e favorecer as interações interpessoais, inclusive com os alunos. Com efeito, estimulou-se a desenvoltura de indivíduos que outrora estiveram em situação de

marginalização social e de auto exclusão para blindar-se de possíveis discriminações (Gomes *et al.*, 2022). Durante a dinâmica o público demonstrou-se responsivo e empolgado com a dinâmica, com adesão de todos membros.

Nesse sentido, alguns participantes foram auxiliados pelos estudantes e profissionais da instituição pois possuíam sequelas psicomotoras em decorrência da AIDS. Para concluir, houve a distribuição de chocolates para todos com o intuito de aflorar o espírito de confraternização e depois, a devolutiva quanto à extensão pelos próprios residentes, que afirmaram ter apreciado a ação e adquirido mais conhecimento.

Por fim, os discentes de enfermagem sentiram-se contemplados quanto ao resultado das atividades realizadas na OSC em questão. De modo geral, eles consideram que suas expectativas quanto às informações trocadas nas rodas de conversas foram proveitosas, por irem além da educação de saúde. Nessa perspectiva, foram proporcionados desenvolvimentos na mediação de informações, comunicação interpessoal e quebra de estigmas a partir das histórias daquelas pessoas, que resultaram em aprendizados fora da sala de aula e que poderão ser levados para a prática de enfermagem.

CONCLUSÃO

A ação desenvolvida a partir da disciplina de Extensão Universitária I da UECE foi relevante para o aprendizado dos discentes, pois eles conseguiram realizar as rodas de conversa como o previsto, desenvolveram-se pessoalmente e profissionalmente a partir da elaboração da atividade, comunicação com a roda e educação acerca de estigmas pertinentes. O público, por sua vez, demonstrou-se receptivo, sanou dúvidas e compartilhou experiências, o que reitera que a atividade proposta pelos alunos se concretizou com êxito.

Portanto, foi uma experiência contributiva tanto para os moradores quanto para os discentes, pois para realizá-la houve a necessidade de elaborar um planejamento de como os assuntos seriam abordados. Para isso, foi imprescindível a organização e busca de conhecimentos para responder qualquer indagação por parte do público em questão, e assim, os estudantes apropriaram-se de assuntos que levaram para fora da universidade. Ademais, os residentes foram participativos e, por meio de algumas perguntas que foram feitas, trouxeram relatos de suas experiências pessoais e enriqueceram o momento.

Conclui-se que essa atividade de extensão contribuiu de forma positiva para os moradores, os quais puderam esclarecer conceitos estigmatizados, aprender mais sobre sua condição, medicamentos e uso de drogas a partir das rodas de conversa com os alunos, onde

expuseram vivências que facilitaram sua compreensão. Para os universitários, ressalta-se a importância das atividades de extensão como oportunidade para que o aluno possa se aprimorar com aprendizagens ativas, dinâmicas e humanizadas, como ocorreu neste presente relato.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, J. *et al.* Como escrever um relato de experiência de forma sistematizada? Contribuições metodológicas. **Revista Pemo**, Fortaleza, v. 6, e. 12527, p. 1-31, 2024. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/12517/12270>. Acesso em 20 de mar. 2025.
- BRASIL. Coordenação Nacional de DST e AIDS. **Guia de recomendações: casas de apoio em HIV/Aids**. Brasília: Ministério da Saúde, 1997. 38 p. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/26guia_recomendacoes.pdf. Acesso em: 10 de mar. 2025.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510/2016, de 07 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Brasília: Conselho Nacional de Saúde. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/aceso-a-informacao/legislacao/resolucoes/2016/resolucao-no-510.pdf/view>. Acesso em 13 de mar. 2025.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim epidemiológico: HIV e AIDS 2024**. Brasília: Ministério da Saúde, 2024, Número Especial. Disponível em: https://www.gov.br/aids/pt-br/central-de-conteudo/boletins-epidemiologicos/2024/boletim_hiv_aids_2024e.pdf/@download/file. Acesso em: 11 mar. 2025.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Circuito rápido da AIDS avançada - fluxogramas**. Brasília: Ministério da Saúde, 2022. 48 p. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/circuito_rapido_aids_avancada_eletronico.pdf. Acesso em: 11 de mar. 2025.
- BRASIL. **Organização da Sociedade Civil (OSC)**. Brasília: Receita Federal, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/receitafederal/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/cidadania-fiscal/extensao/osc>. Acesso em: 11 de mar. 2025.
- BURKE, A. *et al.* Identifying barriers and facilitators to psychosocial care for people living with HIV in Ireland: a mixed methods study. **BMC Public Health**, Londres, v. 25, p. 1-15, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12889-025-21906-1>. Acesso em: 10 de mar. 2025.
- DAOUD, O. *et al.* Health disparities in HIV care and strategies for improving equitable access to care. **The American Journal of Managed Care**, Nova Jersey, v. 31, n.1, p. 3-12, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.37765/ajmc.2025.89687>. Acesso em: 10 de mar. 2025.
- DIAS, E. S. M. *et al.* Roda de conversa como estratégia de educação em saúde para a enfermagem. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, Rio de Janeiro, v. 10, n.

2, p. 379-384, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2018.v10i2.379-384>. Acesso em: 10 de mar. 2025.

GOMES, M., *et al.* Vivenciar e enfrentar o preconceito do HIV no Rio de Janeiro, Brasil. **Journal Health NPEPS**, Mato Grosso, v. 7, n. 1, p. 1-12, 2022. Disponível: <http://dx.doi.org/10.30681/252610105878>. Acesso em: 11 de mar. 2025.

MEDEIROS, P. F. P., *et al.* Consultório de Rua: cuidado no território na interface entre HIV/Aids, drogas e Redução de Danos. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 47, n. 136, p. 308-317, 2023. Disponível: <https://doi.org/10.1590/0103-1104202313620>. Acesso em: 11 de mar. 2025.

MKUMBA, L.S. *et al.* Mental health challenges and perceptions of stigma among youth living with HIV in Tanzania. **PLoS One**, Califórnia, v. 20, n. 1, p. 1-13, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0318035>. Acesso em: 10 de mar. 2025.

MOURA, A. F.; LIMA, M. G. A reinvenção da roda: Roda de conversa: Um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 23, n.1, p. 98-106, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/18338>. Acesso em: 13 mar. 2025.

OLIVEIRA, G. M. L. *et al.* Desenvolvimentos recentes em terapias antirretrovirais para o tratamento do HIV. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v.7, p.01-08, mar.-apr. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.34119/bjhrv7n2-428>. Acesso em: 11 de mar. 2025

SOUZA, L. C. *et al.* Educação em saúde para pessoas vivendo com HIV em supressão virológica parcial: pesquisa convergente assistencial. **Revista de Enfermagem da UFPI**, Teresina, v. 13, e. 4249, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.26694/reufpi.v13i1.4249>. Acesso em: 10 de mar. 2025.

UNAIDS. **UNAIDS: Estatísticas, 2024**[©]. Página Inicial. Geneva: UNAIDS, 2024. Disponível em: <https://unaids.org.br/estatisticas/>. Acesso em: 11 mar. 2025.

WHO - World Health Organization. **HIV and AIDS**. Geneva: WHO, 2024. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/questions-and-answers/item/hiv-aids>. Acesso em: 11 mar. 2025.